

O FIO E AS MISSANGAS: UM ESPAÇO INSÓLITO EM MIA COUTO

Lilian Lima MACIEL¹
Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: lilianlet@let.ufu.br

RESUMO: O autor Mia Couto é considerado um dos grandes nomes da literatura africana e o destaque nesse cenário está relacionado à maneira como poeticamente representa Moçambique e seu povo. O conto escolhido, *O fio e as missangas*, compõe o livro de contos *O fio das missangas*, lançado no Brasil em 2009, avaliado pela crítica como mais uma grandiosa obra do autor. Nesse conto, assim como em vários outros do livro, notamos como pano de fundo um espaço ficcional moçambicano, o que não retira, de maneira alguma, o caráter universal das histórias dos personagens, ao contrário, percebemos as particularidades do lugar social em que estão inseridas. Os espaços, aos quais nos referimos aqui, não são somente os físicos, mas também os espaços subjetivos, como, por exemplo, o lugar social dos personagens. Nota-se uma relação de sintonia entre o espaço e os personagens, seja pela aprovação ou rejeição do mesmo. Neste trabalho propomo-nos investigar como esse espaço constitui-se insólito colaborando na narrativa para a caracterização dos personagens e para o desenvolvimento da narrativa. Para o estudo do espaço utilizaremos bases teóricas de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre espaço liso e estriado e, em especial, Michel Foucault, com as noções de heterotopia e utopia espacial.

PALAVRAS - CHAVE: Mia Couto; espaço; insólito.

A crítica literária tem se emaranhado nos fios tecidos pelo autor moçambicano Mia Couto, pseudônimo de António Emílio Leite Couto, desde o lançamento do seu primeiro livro de poesias em 1983, *Raiz de Orvalho*. Publicou outros livros de poesia, mas suas publicações constituem-se em grande maioria por romances e contos, muito embora, o próprio autor em entrevista concedida tenha afirmado sua alma de poeta: “nunca abandonei a poesia. Não se deixa a poesia se se é realmente poeta. Escrevo em prosa, mas por via da poesia” (2012).

Mia couto é um dos principais escritores da literatura africana de expressão portuguesa e suas obras foram publicadas em mais de 22 países e traduzidas em diversas línguas. Nota-se em seu trabalho como escritor uma profunda preocupação com a sua terra, Moçambique, e também com o seu povo, mas não percebemos de forma alguma em suas narrativas um tom panfletário e sim apaixonado.

¹ Mestranda bolsista (CAPES) do Programa de Mestrado em Teoria Literária - UFU.
Orientada pela Prof^a Dr^a Marisa Martins Gama-Khalil

Couto é filho de portugueses que imigraram para Moçambique em meados do século XX e participou ativamente da luta desse país pela independência, na verdade podemos inferir que ainda continua lutando por meio de sua literatura para que a cultura, os valores e os hábitos desse povo sejam valorizados.

É possível perceber pelos títulos de seus livros, desde sua primeira publicação, *Raiz de Orvalho*, e em vários outros como, *Contos do Nascer da Terra* (1997), *Na Berma de Nenhuma Estrada* (1999) *Terra Sonâmbula* (1992), *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra* (2002), sua forte relação com o seu espaço e com a sua terra, impressos nas narrativas de maneira universal e não regional; assim percebermos recorrente o espaço físico e/ou subjetivo de Moçambique.

À literatura escrita por Mia Couto podemos relacionar o conceito de literatura menor desenvolvido por Deleuze e Guatarri (1977), que tomam o termo “menor” não no sentido de inferioridade, mas no sentido de uma literatura escrita pela minoria usando o que eles chamam de “língua maior”. Uma das características dessa literatura é o “forte coeficiente de desterritorialização” (DELEUZE E GUATARRI, 1977, p. 25) que desloca o uso da língua, que nada mais é, do que um deslocamento do território primitivo. No contexto de escrita de Mia Couto essa mudança de território foi causada pela colonização europeia.

A segunda característica das literaturas menores é o fato de que “nelas tudo é político” (DELEUZE E GUATARRI, 1977, p. 26), isso significa que diferente do que acontece com as literaturas “maiores”, em que o ambiente social e político são somente o espaço onde se passa a narrativa, nas literaturas menores o espaço sempre converge casos individuais para a política. A terceira e última característica dessa literatura é que ela adquire um valor coletivo, ou seja, o autor representa mais do que a si mesmo.

O campo político contaminou todo enunciado. Mas sobretudo, ainda mais, porque a consciência coletiva ou nacional está ‘sempre inativa na vida exterior e sempre em vias de desagregação’, é a literatura que se encontra encarregada positivamente desse papel e desse função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária (DELEUZE e GUATARRI, 1977, p. 27)

O livro de contos escolhido para esse estudo, *O fio das missangas*, publicado originalmente em 2003 e no Brasil apenas em 2009, é um belo exemplo de sua literatura “menor”, pois percebemos que o autor insere de maneira real ou fantástica o espaço moçambicano em suas narrativas. O “vistoso colar”, o livro, é composto por vinte e nove “missangas”, contos; essa analogia é possível pela sugestão da epígrafe inicial do livro: “A missanga, todas a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as

missangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo.” (COUTO, 2009, p. 1)²

Os contos, curtos e aparentemente esparsos, apresentam personagens centrais em situações cotidianas, tidas como simples, mas que revelam profundas reflexões humanas possíveis em qualquer parte do mundo, mas com significação especial, como trataremos nessa análise, no espaço moçambicano. O que se percebe, de maneira geral, nos contos é a tecitura de histórias laçadas entre o real e o fantástico formando um longo colar de significações e possibilidades que demonstra toda a sensibilidade do autor.

Sobre a arte de tecer podemos recorrer na mitologia grega às *moiras*, conhecidas no Brasil como Parcas. Três irmãs que assim como o autor possuem por meio do tecer a possibilidade de decidir a vida humana e também o seu destino. A primeira, Clotho, é responsável por tecer o fio da vida e é ela quem dá a vida ao ser humano; a segunda, Láquesis, tem por obrigação puxar e enrolar o fio, ou seja, é ela quem decide e coordena o destino das pessoas. A terceira e mais poderosa irmã é Átropos, a função dela é cortar o fio da vida determinando o momento em que ela se encerra. Essa analogia é possível porque entendemos que a construção dos personagens por Mía Couto, por um fio condutor, nesse caso o espaço, pode ser comparada a tecitura realizada pelas Parcas.

Interessa-nos, em especial, nesse trabalho o conto intitulado *O fio e as missangas*, homônimo ao título do livro, e que narra a história do personagem masculino JMC. Um narrador ator conta a história do personagem, que é conhecido apenas pelas iniciais de seu nome, “Nunca soube o seu nome por extenso. Creio que ninguém sabe, nem mesmo ele. As pessoas chamam-no assim, soletrando as iniciais: jota eme cê.”(p. 32) JMC é um homem casado, mas “visitava” várias mulheres: “Que ele, sendo devidamente casado, se enamorava de paixão ardente por infinitas mulheres.” (p. 32), e após seus encontros não retornava para sua casa, antes ia para a casa de sua mãe e contava-lhe suas aventuras. Essa por sua vez o ouvia e não permitia que ele retornasse para sua mulher sem que tomasse um banho para tirar o cheiro de sua amante, e mais do que isso o aconselhava a não deixar de “visitar” as mulheres: “- Continue, meu filho, vá distribuindo esse coração seu que é tão grande. Nunca pare de visitar as mulheres. Nunca pare de as amar...” (p. 32)

A vida do personagem é modificada com a morte de sua mãe e confidente, JMC deixa de visitar as mulheres e passa a vagar pelas ruas com suas lembranças até que sua esposa, Dona Graciosa, o resgata.

² Todas as citações do conto, que ilustrarão a análise, serão retiradas da referida edição.

Agora, tantos anos passados, quase não reconheço o mulherengo homem alto e magro.

- Desculpe perguntar, JMC. Mas o senhor ainda continua visitando mulheres?

Ele não responde. Está absorvido, confrontando unhas com os respectivos dedos. Ter-me-á ouvido? Por recato, não repito a pergunta. Após um tempo, confessa num murmúrio:

- Nunca mais. Nunca mais visitei nenhuma mulher.

Uma tristeza lhe escava a voz. Me confessava, afinal, uma espécie de viuvez.

Foi ele quem quebrou a pausa:

- É que sabe? Minha mãe morreu... (COUTO, 2009, p. 33)

Nesse conto, remodelando a imagem criada pela epígrafe inicial do livro supracitada, que nos remete ao livro como o colar e os contos como as missangas, JMC coloca-se como o fio e as mulheres como as missangas: “A vida é um colar. Eu dou o fio, as mulheres dão as missangas. São sempre tantas as missangas...” (p. 32). A comparação feita por JMC mostra-nos uma superioridade masculina em relação às mulheres e essa supremacia masculina é também um fio que envolve vários contos do livro.

Ricardo Piglia, crítico argentino, nos assevera em *O laboratório do escritor* (1994) que a história que conhecemos com a leitura do conto, como a narrada acima, é apenas uma das histórias contadas por um conto, o que se tem, portanto, é uma história narrada em primeiro plano, na superfície, e outra que é verificada nas entrelinhas da primeira história.

O conto clássico (...) narra em primeiro plano a *história 1* (...) e constrói em segredo a *história 2* (...). A arte do contista consiste em saber cifrar a *história 2* nos interstícios da *história 1*. Uma história visível esconde uma história secreta, narrada de um modo elíptico e fragmentário. O efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície. (PIGLIA, 1994, p.37).

A afirmação feita por Mia Couto na epígrafe “assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo” também nos indica que o não dito, ou seja, o que está nas entrelinhas da narrativa, como afirma Piglia, produz uma segunda história que é também importante para a narrativa. Nesse sentido aludimos no conto *O fio e as missangas* a história de JMC, ou melhor, a supremacia dessa figura masculina, mas também, nos interditos, a história da colonização africana.

Observemos que a caracterização do personagem JMC é feita de maneiras diferentes no decorrer da narrativa, antes da morte de sua mãe, os adjetivos atribuídos a ele são: “homem magro e alto” e com “infinitas mulheres” e após o falecimento de sua mãe: “recatado, em

solene solidão”. Essa alteração nos possibilita associar a mudança de JMC, antes superior às mulheres e dominando-as, e após a perda de sua mãe, sua conexão com a terra, perde a identidade e os vínculos referenciais.

Nessa perspectiva consideramos metaforicamente a figura feminina como a terra, entendida aqui como o território primeiro, onde estão seus valores, costumes, hábitos, língua, religião e tudo aquilo que constitui sua identidade; e a figura masculina como o nativo desterritorializado, pois absorveu a cultura e os valores dos colonizadores. Assim, ao afastar-se de sua terra, mãe de JMC, ele fica deslocado do seu território; mas no final do conto, Dona Graciosa, esposa de JMC - mulher nomeada diferentemente de sua mãe - restitui sua territorialidade resgatando-o de seu deslocamento.

E nesse vazio permanecemos ambos até que, por entre o cinzentear da tarde, surge Dona Graciosa, esposa de JMC. Está irreconhecível, parece deslocada de um baile de máscaras. Vem de brilhos e flores, mais decote que blusa, mais perna que vestido. Me soergo para lhe dar o lugar no banco. Mas ela se dirige ao marido, suave e doce:
– Me acompanha, JMC? (p. 33).

A esposa de JMC, Dona Graciosa, é a figura que possibilita o resgate de suas referências, e principalmente, de sua identidade. Desse modo, entendemos, com base na teoria de Piglia, que esse conto miacoutiano apresenta uma história que remete a outra história que está na ausência, ou melhor, no silenciamento do poeta e, portanto, verificamos duas histórias, uma na superfície e a outra nos interditos.

O conto é uma narrativa que encerra uma história secreta. Não se trata de um sentido oculto que depende da interpretação: o enigma não é senão uma história que se conta de modo enigmático. A estratégia da narrativa está posta a serviço da narrativa cifrada. (...) a história secreta é a chave da forma do conto e suas variantes. (PIGLIA, 1994, p. 39).

No entanto, para que essa segunda história, que está nas entrelinhas, apareça ressalta-se a importância da construção feita pelo autor e da articulação dos elementos estruturais do texto, tais como as personagens, o tempo, o espaço e outros. Interessa-nos de maneira especial agora o espaço construído por Mia Couto, que nos permite a leitura e percepção da história “secreta”.

O espaço em que percebemos a segunda história - entendido aqui como um espaço subjetivo, isto é, o espaço enquanto lugar social que os personagens ocupam - poderia ser conceituado como o espaço da heterotopia que Michel Foucault estuda em *Outros espaços* e

As palavras e as coisas. Segundo ele, esses espaços “são espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis” (FOUCAULT, 2001, p. 415), esses espaços estão abertos à multiplicidade.

É esse espaço, abordaremos aqui como insólito, que possibilita a compreensão da personagem feminina como a terra, ligação de JMC à suas origens e ao seu povo; e também de JMC como o nativo desterritorializado e de Dona Graciosa como o reencontro com seu povo, ao contrário do espaço moçambicano, que é organizado e com regras fixas colocadas pelas instituições e poderes.

Michel Foucault chama esse outro espaço de utópico, é o “da sociedade aperfeiçoada” (FOUCAULT, 2001, p. 415) e esse aperfeiçoamento é construído às custas de uma separação entre o certo e o errado, o superior e o inferior. Na segunda história que lemos, podemos perceber a utopia no espaço de colonização de Moçambique; o colonizado, nativo, está relegado à subserviência ao colonizador, seja cultural, histórica, de poder ou de identidade. Ao colonizado cabe o lugar social de obediência, de silêncio e de repressão e ao colonizador o lugar social de poder e de superioridade.

Podemos também recorrer ao estudo de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre o espaço em *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* para analisar o espaço subjetivo em *O fio e as missangas*, pois para esses estudiosos, “o espaço pode sofrer dois tipos de corte: um definido pelo padrão, o outro, irregular e não determinado, podendo efetuar-se onde quiser” (1997, p. 183). No primeiro espaço, chamado de estriado, temos uma rigidez, uma regulação social e transpondo para a narrativa analisada o nativo teria de ocupar sua posição de sujeito-colonizado, que é reprimido pelo sujeito-colonizador que detém o poder da palavra e da ação.

Já no segundo espaço, o liso, opondo-se ao estriado, a organização pode se dar de diferentes maneiras, pois ele não é fixo e pode sofrer alterações. E é nesse espaço que o nativo colonizado pode resgatar o seu território e a sua identidade, e mais do que isso, é nesse espaço que os seus lugares sociais podem ganhar uma nova organização em que a cultura, os hábitos e costumes do povo moçambicano sejam valorizados.

Diante do exposto, não é difícil verificar que o espaço construído por Couto nesse conto ganha um caráter insólito devido ao não lugar, aos lugares outros, embora “sejam efetivamente localizáveis” (FOUCAULT, 2001, p. 415). Poderíamos dizer que esse espaço funciona especificamente como o limite entre o real e o insólito.

Essa noção de passagem de limite pode ser lida a partir dos estudos de Remo Ceserani (2006) sobre a literatura fantástica e nos ajuda a compreender que a história que está

na superfície e a que está nas entrelinhas nos sugerem a existência de duas dimensões proporcionando possibilidades outras de leitura e compreensão.

É típico do fantástico não se afastar muito da cultura dominante e procurar áreas geográficas um pouco marginais, onde se entrevêm bem as relações entre uma cultura dominante e uma outra que está se retirando, o lugar das culturas em confronto. (CESERANI, 2006, p, 74)

Ainda na análise dos elementos da narrativa que colaboram para a leitura dos interditos observa-se que Mia Couto utiliza a linguagem, como sugere Remo Ceserani, para criar uma nova realidade.

Meu coração sapateia, desentendido. Pudessemos haver silêncio feito da gente estar calada. Mas esse silêncio não há. E nesse vazio permanecemos ambos até que, por entre o cinzentear da tarde, surge Dona Graciosa, esposa de JMC. (COUTO, 2009, p. 33)

Essa linguagem indicada por Ceserani não é a linguagem na concepção tradicional em que “as palavras são elementos neutros que devem nos enviar o mais fielmente possível à realidade” (CESERANI, 2006, p. 70), nem tampouco a concepção simbolista em que “as palavras não devem nos enviar a nada mais do que a elas próprias” (CESERANI, 2006, p. 70), e sim a possibilidade de criação de uma nova realidade a partir dessa linguagem.

A linguagem miacoutiana cria essa nova realidade, principalmente, pelos não ditos e apresenta seus próprios meios de expressão, através de um código literário que se superpõe ao da língua, alterando-o ou opondo-se a ele, criando outra realidade que envolve autonomia cultural e identitária dos colonizados.

Diante do exposto, concluímos que a extração da história “secreta” nesse conto de Mia Couto só é possível pela articulação feita pelo autor dos elementos supracitados de forma muito sugestiva possibilitando ao leitor uma leitura plural permeada pela presença e também pela ausência. É também importante ressaltar, conforme proposto nesse trabalho, que a história apresentada em *O fio e as missangas* tem dimensões universais, porém o que está sugerido pelo silêncio do autor ganha novas possibilidades no espaço insólito de Moçambique construído no conto.

Podemos perceber que a literatura produzida por Mia Couto assinalando os não-ditos abre novos caminhos para seus leitores, propiciando-lhes histórias de povos excluídos e silenciados.

REFERÊNCIAS

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Trad. Nilton Tripadalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

COSTA, Viegas Fernandes da. **As páginas de terra de Mia Couto**. Disponível em: http://www.escrita.com.br/escrita/leitura.asp?Texto_ID=154. Acesso em 23/10/2012.

COUTO, Mia. O fio das missangas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Trad. Peter Pál Pelbart; Janice Caiafa. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** – vol.5. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Trad. Júlio Castañon Guimarães. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5.ed. São Paulo: Loyola, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PIGLIA, Ricardo. O laboratório do escritor. São Paulo: Iluminuras, 1994.